

como às vezes poderíamos esperar –, mas nos torna cem vezes mais felizes e cem vezes mais sensíveis à tristeza, leva-nos a nos interessar por coisas que nunca pensaríamos. «O cristianismo – escreveu Dom Giussani – deve investir tudo e pode tornar tudo mais vibrante, mais saboroso, mais verdadeiro – tudo! –, até a matemática».⁵⁴ Sinto muito, até a matemática! Seguir a Cristo nos convém porque, tornando-nos mais nós mesmos, nos faz ficar interessados por tudo. Começamos a nos interessar até por política, como aconteceu com alguns amigos nossos de Milão, que, em vista das eleições, escreveram uma carta aos políticos, recebendo também algumas respostas. Ou como aconteceu com os amigos de Ferrara, que durante uma autogestão pegaram uma sala e propuseram uma assembleia à escola toda, e uma deles comentou: «Esta companhia tem até a força de fazer com que você faça coisas que nunca faria». Quando a pessoa é olhada, vê e então se interessa por coisas que antes nem via: «Foi olhado, e então viu».⁵⁵ Duas amigas muçulmanas que estão aqui hoje testemunham isso. Elas nos escreveram que ter-nos encontrado lhes permitiu levar mais a sério a tradição delas. Quando é olhada, então a pessoa vê as coisas de maneira diferente, até os próprios colegas de sala num passeio, como contou uma de vocês. Depois de anos em que pensou que seus colegas fossem «completos idiotas», escreve:

«Falando com os meus colegas, entendi que eles têm as minhas mesmas perguntas, as minhas mesmas dúvidas, a minha mesma vontade de viver, só que ninguém nunca lhes ofereceu uma alternativa melhor, porque nunca conheceram a Cristo. Eu porém sim, eu vi como me mudou, eu me lembro de como era antes, e então não posso não tentar ser sempre eu mesma ao máximo».

Reconhece-se disto a verdade do cristianismo: porque reacende a sua humanidade, te faz ser mais homem. Não te torna mais igual a todos, te torna mais você mesmo. Há a dor, há a pergunta, mas com uma grande certeza, como para Maria: Deus jamais a abandonaria, continuaria a tornar grande a sua vida. «Porque através das coisas magníficas / Porque através das coisas horríveis / Tenho a esperança de ver algo mais / Algo que vai além da superfície / Que vai além do fundo»,⁵⁶ escreve um de vocês, que está numa situação familiar muito difícil. O coração finalmente pode gritar a sua dor, a sua ausência, porque tem certeza de quem o pode fazer feliz, como nos dizia a nossa amiga Miriam ao falar da morte de seu irmão Francesco:

«Por que o dia 10 de fevereiro (o dia seguinte à morte de Francesco) foi o dia mais bonito da minha vida? Pergunto-me todos os dias. Não sei dar uma resposta precisa. Só sei que depois de dias de ansiedade e desespero, senti-me invadida pela serenidade. E inclusive havia mil pessoas em todo lugar. Mil pessoas ao redor. Mil pessoas serenas. Na noite do dia 9 brindamos “ao Francesco, que está no Paraíso”; na manhã do dia 10 eu estava na Rocha de Manerba, na paz com Elisa (uma amiga). Ela, toda noite, na semana antes de Francesco morrer, ficava lá. Comigo, por mim. Ela me explicou que tudo isso é um milagre, que o sacrifício de Francesco não é em vão. Ela me fez entender que Francesco salvou a minha vida, porque, perante um fato que acontece, não podemos ficar indiferentes. Perante algo que acontece de maneira evidente passamos a ter certeza. Eu tenho certeza. Porque para estar tranquila nesta situação, e até mesmo feliz, ou estou louca, ou há algo de muito maior. Este é o momento mais bonito da minha vida. E é paradoxal descobrir no momento mais feio a coisa mais bonita. Mas é assim. Como diz a Elisa, esta é a minha régua de comparação para toda a vida, para qualquer momento em que for mais conveniente pensar que a vida é um engano e que não existe nada maior».

É paradoxal, é possível estar feliz e triste ao mesmo tempo. Quando é olhada como Miriam, a pessoa não só olha a morte com dor e, ao mesmo tempo, com certeza, mas começa a olhar para si mesma de um jeito diferente: quer-se bem. Este é o grande milagre hoje; desafio-os a encontrar outro lugar que lhes dê esse

⁵⁴ L. Giussani, apud. A. Savorana, *Luigi Giussani: A sua vida*, op. cit., p. 89.

⁵⁵ Santo Agostinho diz, referindo-se a Zaquaeu; cf. Santo Agostinho, *Discurso 174*, 4.4.

⁵⁶ Cf. *Livrinho*, p. 44.

presente, porque hoje ninguém gosta de si mesmo, todos querem mudar a própria imagem. Aqui não! O sinal de que você encontrou alguém que te ama, alguém que te diz ser Deus, é que você começa a se amar tal como é.⁵⁷ Como escreve uma amiga nossa: «A adesão ao Movimento tornou possível a coisa mais impossível de todas: gosto de mim e vejo que sou bonita» E não bonita porque se parece com a Ferragni, ou porque você faz tatuagens como o Fedez [*um casal italiano famoso, ndt.*]. Você é bonita porque é amada, porque há alguém que dá a vida por você, porque você começa a se olhar com os olhos d'Ele, e diz: «Então eu sou outra em relação ao que eu achava que era!»

Escutemos uma música de uma profundidade única, da Adriana Mascagni, *Amiga do Mistério*.⁵⁸ Quem sou eu? Eu sou um amado pelo Mistério, amigo do Mistério. Tentemos escutar todas as palavras com esta pergunta: quem sou eu? O que é que me torna bonito neste mundo?

Amiga do Mistério

Podemos prosseguir como Pedro, como crianças apaixonadas, cheias de seus erros, que se perguntam: «Quem é você que preencheu a minha vida?», ou como Maria: na tristeza, na dor, mas certos e felizes, porque Ele jamais vai nos abandonar. Mas ainda permanece aberta a pergunta: por que Jesus, ele que era Deus, não fugiu da cruz? Por que não subiu logo aos céus? Por que não poupou sua mãe de toda aquela dor? Por que não poupou Pedro da tentação da traição? Por que caminha para a morte sem dizer nada? Onde está Deus em tudo isso? O que responde?

Por esse motivo, hoje à tarde vamos fazer a Via Sacra, para escutar a resposta de Deus a essas perguntas. Podemos prosseguir o caminho da cruz assumindo a posição de Maria, de quem sofre carregando todas as dificuldades da vida, mas tem certeza; ou assumindo a de Pedro, de quem está cheio da própria dor pelo pecado, mas está afeiçoado, desejoso de renascer como uma criança. Mas para vivê-la assim, para descobrir como Deus responde a essa nossa pergunta, é preciso fazer silêncio e seguir, sem deixar-se tomar pelos nossos sentimentos, como porém aconteceu aos discípulos que fugiram.

Se vocês não vêm para escutar a resposta de Jesus a essa pergunta, é melhor ficar no hotel. Nós pensamos no silêncio como numa obrigação. Quando uma pessoa pensa em si mesma, vê toda a confusão que tem dentro de si, e por isso o silêncio assusta. Mas pensem em quando uma garota está para te beijar: daria vontade de falar? Não convém falar, é muito melhor ficar em silêncio. Para acolher a resposta de Deus à nossa pergunta, é preciso ficar em silêncio, no sentido de ficarem todos atentos para escutar, para escutar a resposta de Jesus à nossa pergunta.

Só temos um dever na vida, pessoal, do qual dependem todos os outros deveres: não é ir bem na escola, não é tornar-se alguém no mundo, não é formar uma família e nem encontrar um trabalho de sucesso. Nós só temos um dever: ser nós mesmos, ser felizes. Perseguindo esse dever, poderei descobrir se Cristo me faz ser mais eu mesmo em tudo o que tenho de fazer, como aconteceu com Pedro e com Maria. A oportunidade que temos hoje é a de descobrir se Cristo é a presença que pode tornar-nos felizes. Mas precisamos fazer só uma coisa para descobri-lo: ser nós mesmos. Este é o nosso único grande dever.

Dulcis Christe

Angelus

⁵⁷ «Então a pessoa entende qual é a grandeza, qual é o valor do próprio eu, e começa a ter uma estima por si, uma ternura em relação a si, uma consciência do próprio valor, como a que o Mistério teve para se incomodar conosco, comigo e com você» (J. Carrón, “Fu guardato e allora vide”, in *Livrinho*, p. 44).

⁵⁸ A. Mascagni, “Amica del Mistero”, in *Livrinho*, pp. 44-46.

Via Sacra, Pigi Banna
30 de março, sexta-feira à tarde

Primeira estação

Judas, Pedro, Pilatos: a nossa traição

Jesus será crucificado. Estamos seguindo esta cruz na total impotência de Jesus. Por que não fala? Conhecia Judas muito bem, podia bloqueá-lo e não o faz. Conhecia Pedro muito bem, podia bloqueá-lo e não o faz. Era muito mais inteligente e muito mais poderoso do que Pilatos, mas não responde nada. Conhece muito bem as nossas traições, os nossos pecados, mas não nos condena. Por quê? Muitos têm uma pergunta parecida: «Onde está Deus? Por que deixou o nosso amigo morrer? Por que permitiu esta situação terrível na família? Por que não me faz ficar bem?» Acharmos que Deus não responde, que é impotente.

No fundo, o que são as cinco mil pessoas que estão aqui, em comparação com as 65 mil que se animam para ir ao estádio? Um nada. O que vocês são, vindo aqui, em comparação com todos os seus colegas de classe? Um nada. O que é o Tríduo, o que são os momentos mais belos da nossa vida, em comparação com a distração, com os nossos pecados, com os pensamentos que normalmente temos na cabeça? Um nada. Quando pensamos “um nada”, nós O traímos, somos como Pedro, como Judas, como Pilatos. «É um nada, não fez nada!», se pensamos assim, podemos parar nesta estação. Pedro e Pilatos pararam nesta estação; para eles tudo estava acabado. A nossa tentação é dizer: «O que serão os Colegiais, o que será a Igreja em comparação com a confusão que há no mundo?» Paramos e O traímos.

Ou então, sem ainda entendermos tudo, podemos pôr-nos em caminho para ver como Ele responde, como mostra seu poder, morrendo. Não é retórica. Quem quer e não entende o sentido deste gesto pode parar aqui, pensando: «Um homem que vai morrer assim é um impotente, não me adianta para a vida». Mas quem quiser seguir esta cruz, quem quiser ver se ela tem algo para dizer à nossa vida, então pode pôr-se em caminho.

Vamos para a segunda estação em silêncio, para ouvir se Jesus tem algo que dizer às nossas perguntas. Seguimos alguém que vai morrer como um cordeiro inocente,⁵⁹ sem dizer quase nada. Por isso, é preciso o silêncio para podermos ouvir a resposta, ficando perto de quem nos faz olhar a cruz e não nos distrai.

Segunda estação

Maria, Simão, Dimas: atrás da cruz

Maria seguia. Quantas vezes, no trecho de Péguy que escutamos, não se repetiu este verbo: Seguia, seguia...»?⁶⁰ Mas nós também estamos seguindo, não paramos na primeira estação.

Seguir custa um sacrifício. A Maria custava o sacrifício das lágrimas. Ela, que era uma mulher de uma bondade extrema, de uma pureza reconhecida por todos, agora se mostrava como uma «mendiga de piedade»⁶¹ Nós também, seguindo, fazemos o sacrifício de ficar em silêncio, como vocês ficaram até agora de uma forma impressionante. É um silêncio em que às vezes estamos simplesmente distraídos, em que não sabemos o que pensar, o que dizer, descobrindo-nos assim confusos e superficiais. E mesmo assim voltamos a seguir, a olhar para a cruz, a tentar andar atrás daquele homem para entender que resposta tem para nos dar. Assim me marcou que duas garotas do coro, que estava cantando *Ognun m'entenda*,⁶² enquanto no começo estavam olhando a partitura, num determinado momento começaram a cantar aquele canto olhando para a cruz.

O verdadeiro sacrifício do silêncio não é tanto obedecer – porque a pessoa, esforçando-se, pode obedecer de forma passiva –, mas é mostrar no silêncio a parte mais frágil de si. Para Maria, foi mostrar as suas

⁵⁹ T. L. De Victoria, “Eram quasi agnus”, in *Livrinho*, p. 60.

⁶⁰ C. Péguy, “O mistério da caridade de Joana d’Arc”, in *Livrinho*, pp. 63-65.

⁶¹ *Ibidem*, p. 65.

⁶² Anônimo, do *Codice Ven. Marciana*, séc. XV “Ognun m’entenda”, in *Livrinho*, pp. 62-63.

lágrimas, mostrar-se diante de todos como uma coitada que chora. Assim para Simão, o Cireneu, mostrar-se diante de todos – ele, que era um bom trabalhador – como um amigo de Jesus, sem ter vergonha disso. E para o malfeitor, um homem de coração duro, um homem que não tinha medo da cruz, era um sacrifício mostrar um coração de criança que diz a Jesus: «É verdade, eu errei tudo, mas lembra-te de mim!»⁶³

É desse tipo o sacrifício que nos é pedido nesta última estação em direção à morte de Jesus: olhar para a cruz e não só nos esforçarmos para ficar em silêncio, mas carregar no silêncio tudo o que é mais pesado em nós, tudo o que nos dá mais vergonha de nós mesmos. Este é o verdadeiro sacrifício.

É o momento em que devemos confiar um amigo nosso, um doente querido, uma situação que não conseguimos resolver com nossas forças, mas também uma situação de que nos envergonhamos, como Maria se envergonhava das lágrimas, como o ladrão se envergonhava de mostrar-se como um cordeirinho. Cada um tem a liberdade de aceitar esse sacrifício: poder mostrar-se pelo que se é, colocando-se em caminho atrás da cruz.

Terceira estação

Ele está aqui. Está aqui como no primeiro dia

Vocês ouviram a resposta de Jesus? Para quem não ficou parado, nem com o pensamento, na primeira estação; para quem, como vocês, O seguiu até a morte e dentro do sacrifício, levando-lhe as coisas mais pesadas da sua vida, foi possível ouvir a resposta de Jesus.

Vocês a ouviram? É aquele grito terrível na cruz. Esta é a resposta d'Ele: «Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?»⁶⁴ Esta é a resposta de Cristo à nossa pergunta sobre onde está Deus nos momentos mais difíceis da nossa vida. Ele mesmo carrega em suas costas a nossa dor e a nossa morte. Esta é a resposta de Cristo. Não é alguém que com uma cirurgia plástica remove a nossa dor, resolvendo as coisas com um estalo; mas é alguém que pega a nossa dor, o nosso mal sobre as costas e a carrega conosco, para nós.

Nenhum de nós jamais teria imaginado um Deus assim, no entanto é no fundo aquilo de que mais precisamos. Vocês prefeririam um Deus que tira a fraqueza de vocês e sobe para o céu, ou um Deus que os ama carregando consigo a fraqueza de vocês? Este é o desafio da morte de Cristo. Assim o centurião, alguém que chegou no último momento – poderia ser alguém que durante toda a Via Sacra pensou em outras coisas – , vendo esse homem morrer assim, diz: «Na verdade, este homem era Filho de Deus».⁶⁵

Conclusão

Ao final desta Via Sacra, estou aqui como uma pergunta no coração: quem nos trouxe aqui, de novo hoje? Quem nos tornou um espetáculo assim, também para nós mesmos, de novo hoje? Quem nos torna tão unidos há dois mil anos? Nunca vamos terminar de conhecer até o fundo a resposta, mas a primeira semente que se vê despontar é com certeza uma semente de felicidade. É este o desejo que lhes faço: deixem crescer essa pequena semente que começou a despontar na vida de vocês. Não temam se o mundo parecer ir para outro lado, não temam se a sua vida parece ir para outro lado. Essa semente existe, continua crescendo há dois mil anos e alcançou também o seu coração. Nos tempos e nas maneiras que Deus quiser, vai tornar-se a alegria da sua vida.

Esta é a ressurreição de Cristo: uma semente que há dois mil anos arrebentou as pedras daquele sepulcro e chegou hoje até nós.

⁶³ Cf. Lc 23,41-42.

⁶⁴ Mc 15,33.

⁶⁵ Mc 15,39.

Testemunho de Rose Busingye*
31 de março, sábado de manhã

Barco negro

Pigi Banna. Vocês precisavam ver o rosto de vocês enquanto escutávamos *Barco negro*.⁶⁶ Seus rostos, nestes dias, me lembravam de modo muito bonito, muito vivo, os rostos de Pedro e João representados no Cartaz.⁶⁷ Olhem para os olhos deles: podem encontrar muito do que vocês viveram. Agora algo se acendeu, algo começou a acontecer no coração de vocês. É verdade: dói; é verdade: você se esquece; é verdade: você pode reprimi-lo. Mas existe, existe! Algo se acendeu! E quando todos dizem que acabou, que Jesus morreu, os olhos deles não podem acreditar: vive, deve estar lá e correm ao sepulcro para entender o que aconteceu. Também para vocês abre-se esta questão: dar mais crédito a seus corações ou ao medo de quem diz que está tudo acabado.

Angelus

Vi no Instagram o que vocês escreveram sobre as Laudes. Alguns pensam que é apenas uma coisa muito chata! Mas aceito o desafio! Houve quem, já nas Laudes, levantou-se e saiu para fazer uma pausa. Pior para ele! Quem faz as coisas pela metade, sempre entenderá tudo pela metade. Tentemos recitar essas Laudes não como velhas lamuriosas, mas como homens que querem acordar; não como quem já sabe o que vai acontecer, mas como quem espera uma palavra. Vamos rezar, por exemplo: «Porventura pode uma mulher esquecer-se de seu bebê?»⁶⁸ Infelizmente no mundo de hoje isso acontece, às vezes a mãe mata-o antes mesmo de nascer, no entanto, há alguém que não se esquece de nós. Então, não como velhas, mas que a nossa oração seja como o vagido do recém-nascido, que chora porque diz: «Eu existo, estou neste mundo! E sou desejado!» Tentemos ficar, tentemos externar, como o choro do recém-nascido, o nosso grito.

Laudes

*Be thou my vision*⁶⁹
La canzone della Bassa

Alberto Bonfanti. Em primeiro lugar quero fazer um agradecimento sincero a cada um de vocês pelo modo como me ajudaram a viver o Tríduo Pascal, a ir atrás pessoalmente da Cruz de Cristo, a «me perceber indo atrás de um Outro», como disse ontem à noite uma amiga. Vivemos um gesto. Não apenas escutamos as palavras e os cantos, mas as palavras, os cantos, o caminho atrás da Cruz, a conversa entre nós foram gestos de amizade recíproca, nos quais cada um foi protagonista na medida da participação do seu coração, porque o seu coração era chamado em causa como nunca diante da proposta destes dias. Ontem, um de vocês disse: «Curti o presente. Curti o que aconteceu pela primeira vez sem pensar no depois, sem pensar no que acontecerá amanhã, em quanto ou como conseguirei aplicar na minha vida o que ouvi de verdadeiro nestes dias». Pulei da cadeira quando ouvi essa afirmação. O que permitiu isso? Esta é a pergunta mais verdadeira diante do que vivemos. O que permitiu ao nosso amigo saborear o presente? O que permitiu a muitos de nós

* Rose Busingye, nascida em 1968 em Kampala (Uganda), onde vive até hoje, é enfermeira profissional especializada em doenças infecciosas; desde 1992 exerce sua atividade com pacientes infectados pelo vírus HIV e por outras doenças infecciosas. É o coração do *International Meeting Point* de Kampala.

⁶⁶ «Dizem as velhas da praia que não voltas. / São loucas! São loucas! // Eu sei, meu amor, que nem chegaste a partir / pois tudo em meu redor me diz qu'estás sempre comigo» (A. Rodrigues, “*Barco negro*”, in *Cantos*, op. cit., pp. 360).

⁶⁷ E. Burnand, *Os discípulos Pedro e João correndo ao sepulcro na manhã da Ressurreição*, 1898. Paris, Museu d’Orsay.

⁶⁸ Is 49,15.

⁶⁹ “Be thou my vision”, antigo hino tradicional irlandês.

saborear o que acontecia, enquanto acontecia? É uma pergunta tão grande que não podemos nos contentar com respostas formais, parciais. Muitos de nós podem assinar, inclusive eu, essa afirmação, não apenas por causa do que vocês disseram nas Assembleias, que tiveram tanta participação – numa Assembleia minha, pela primeira vez uma pessoa disse: «Já terminou?», normalmente, depois de uma hora, alguém diz: «A reunião precisa ser um pouco mais curta!» –, mas pela inclinação com a qual vivemos, com a qual vocês viveram, pela paixão com que os cantos foram feitos, pela paixão com que fomos recebidos na quinta-feira à noite, ontem de manhã e esta manhã pelos amigos que tocaram para nós para nos acolher. Percebe-se o prazer de muitos, também no serviço alegre e atento de todos os amigos do serviço de ordem, pela atenção real e não disciplinar – até porque agora, graças a Deus, vocês não conseguem mais ter uma atenção disciplinar – com a qual acompanharam as meditações, os cantos, a Via Sacra; atenção que comoveu também muitos adultos (e não é fácil comover os adultos), atenção visível nos olhos, que eram como os olhos de Pedro e João, mais nos olhos do que nas palavras de vocês. «O que permitiu tudo isso?»: esta é a pergunta fundamental, decisiva, que cada um de nós deve levar no coração e da qual emergem também todas as outras perguntas que vocês enviaram, todas perguntas que demonstram mais uma vez a atenção de vocês e a pertinência da proposta que nos foi feita; são todas perguntas que devem ser conservadas, porque são a brecha através da qual Deus, este Tu que enche o nosso coração com a Sua ausência, quer entrar no nosso coração. «O que permitiu tudo isso?»: somente estando diante desta pergunta com todo nós mesmos poderemos encontrar resposta a todas as outras questões dentro da nossa experiência e não como uma explicação lógica com a qual – mais frequentemente os adultos, mas um pouco, todos – tentamos «abafar» as perguntas mais verdadeiras, quase como se fôssemos como Aristóteles, o cachorro do Pigi. Entre todas as questões que emergiram e que vocês enviaram, seguramente a mais decisiva é a falta que cada um de nós sente. Um amigo de Milão formulou assim essa questão, que apareceu em muitos: «Como faço para ver a minha falha como um recurso e não como uma condenação?» Cada um de nós, estando diante da pergunta «O que estes dias nos permitiram saborear no presente?», pode encontrar não uma resposta lógica, mas identificar um caminho sobre o qual caminhar para viver esse relacionamento dramático com o nosso coração.

É a mesma pergunta que queremos fazer à nossa amiga Rose, que veio de Uganda especialmente para nos contar a sua experiência.

Mas, antes, gostaria de ler a contribuição que também este ano não podia deixar de nos enviar nosso amigo Julián Carrón, para que cada um de nós possa julgar a pertinência do que ele nos diz àquilo que vivemos nestes dias e que Rose nos testemunhará com a própria vida, às perguntas mais verdadeiras que emergiram diante da proposta que vivemos nestes dias. «Caros amigos, não consigo pensar em vocês sem me comover, identificando-me com o momento tão belo e dramático que estão atravessando em sua idade. Gostaria muito de estar perto de vocês! É um período em que vem à tona “o mistério eterno do nosso ser” de que fala Leopardi. Sei que às vezes o aparecimento, na vida de vocês, deste grande mistério os desconcerta porque os domina por todos os lados, e é tão imenso que não podem controlá-lo. “Quem és Tu que preenches o meu coração com Tua ausência?”, diz Lagerkvist. Mas justamente a possibilidade de perceber essa ausência, esse “mistério do nosso ser”, é o recurso mais importante que vocês receberam, como um presente à sua natureza de homens: o detector para descobrir o que responde verdadeiramente à espera de vocês. Ernesto Sabato entendeu bem: “a saudade deste absoluto é como o pano de fundo, invisível, inescrutável, mas com o qual confrontamos toda a vida”. Fico sempre maravilhado quando penso que Jesus apostou tudo no coração dos dois primeiros que encontrou às margens do Jordão, no coração como critério de juízo: “Vinde e vede”. Dizendo isso a eles, Jesus reconheceu que tinham a capacidade de interceptar o que respondia ao seu desejo infinito de felicidade, tornando-os conscientes de sua dignidade. Ao mesmo tempo, colocou-os diante de um desafio sem precedentes: não podiam blefar. Nem com seu coração, nem com o que lhes correspondia depois de o terem encontrado. Convidando-os a ir com Ele, ofereceu a João e André a possibilidade de descobrir o alcance da Sua amizade, tão decisiva para alcançar a felicidade que buscavam, sem substituir-se à liberdade deles. Pelo contrário, desafiando-a como nenhum outro poderia fazer, tanto a atração da Sua presença compelia o coração deles. Desafio-os a encontrar uma aventura mais fascinante do

que essa! Boa Páscoa. Seu companheiro de caminho, Julián».

Agora, todos queremos escutar a experiência e o testemunho da nossa amiga Rose.

Rose Busingye. Bom dia a todos! O meu italiano não é perfeito, porém, meu coração arde, tenho vontade de chorar olhando para seus rostos. Como diz Julián: os conceitos se tornam carne e sangue, Cristo. Vendo cada um de vocês, seus rostos, tenho certeza de uma coisa: há uma mão que O traz a nós agora. Vendo essa multidão – não sabia que encontraria tudo isso – poderia me assustar. Mas esta mão que O traz a nós agora – que se torna Sua carne e Seu sangue que corre em nossas veias, que nos dá a vida – nos torna uma coisa só. Eu me envergonharia de estar aqui para dizer apenas palavras, porém Ele está aqui. Foi justamente isso o que me comoveu porque na idade de vocês, acho que tinha doze anos, «encontrei» esta palavra: Ele se fez carne. Porque quando encontrei o Movimento eu realmente não sabia o que era CL, porém, lendo que Deus se fez carne corri até o padre do Movimento e perguntei: «Esta carne tem a ver com a minha carne?», e ele me respondeu: «Sim, porque Deus veio por você e por mim que somos incapazes, frágeis, nada. Porque se fôssemos capazes, nos tornaríamos o próprio Deus e não teria sido importante para Deus descer à Terra». Para mim, a partir daquele momento a vida começou a ser interessante, e Deus também. Porque antes pensava que Deus era para os homens que são capazes, como minha mãe, que me convidava para rezar o terço à noite e eu dormia e ela me acordava no «Pai Nosso» e eu dizia: «Ave Maria». Então, pensava: «Eu não tenho espaço no coração de Deus», só há espaço para meus irmãos e para minha mãe. Assim, vivi pensando que não era digna do coração de Deus porque Deus era tão puro e uma pessoa como eu não tinha nenhuma possibilidade de alcançá-lo. Que Deus se tornasse carne da minha carne parecia-me quase uma blasfêmia. Eu sabia quem era. Entrar no coração de Deus parecia-me uma coisa do outro mundo.

Aos dezenove anos quis encontrar Dom Giussani porque naquele momento parecia realmente que a vida se tornava interessante, Deus se tornava interessante também para mim, enquanto antes Ele era da minha mãe e dos meus irmãos. Quando encontrei Dom Gius e lhe falei do meu nada, tinha acabado de ler uma entrevista dele sobre os *Memoires Domini* onde a primeira frase era: «Aqueles que vivem a presença de Cristo em todos os aspectos de suas vidas». Diacho, disse a mim mesma, também no meu nada! Voltei para a escola, estudei. Tinha um fogo aceso que ninguém podia apagar, então fui a um padre e disse: «Posso ir à casa de Dom Giussani?» e ele me deixou ir. Eu pensava: «Jesus, quero somente a Ti». E fui encontrar-me com Dom Giussani. Quando cheguei, ele me perguntou: «Você ama Jesus?» Eu disse: «Sim, sim, O amo». «Quer dar-Lhe a sua vida?» Eu disse: «Não». E ele me perguntou: «Por quê?» Eu disse: «Olha, Dom Gius, eu não tenho nada na vida para dar a Jesus, mas quero que Ele tome até o nada que sou». Ele bateu com o punho na mesa e disse: «Diga isso a todos, sempre! Diga a todos porque todos pensam que dão algo importante a Jesus e, assim, durante toda a vida é como se a pessoa esperasse a recompensa, mas é Ele que toma uma coisa que era nada e a salva». Então, comecei a falar da minha vida e ele me disse: «Olha, Rose, mesmo que você fosse o único homem sobre a terra, Deus teria vindo por você, por este único homem». Depois, parou por um momento, e disse: «Não, veio por você porque diante de Deus cada homem é único, é como um primogênito, um filho único. Veio por você. Morreu por você para que o seu nada não se perca e estará com você todos os dias até o fim do mundo». Para mim, foi aí que as coisas deram uma reviravolta. Minha vida foi como..., em inglês se diz *upside down* (virada de cabeça para baixo, invertida), totalmente, até no modo de pensar todas as coisas: o modo de pensar o beber, o comer, o modo de pensar nos amigos. Foi exatamente aí que minha vida ganhou uma dignidade, uma beleza, como dizia Dom Giussani, com B maiúsculo. Foi então que todas as coisas ganharam um valor, uma densidade, como se Deus tivesse dito: «Você é minha». Dom Gius não me conhecia, era a primeira vez que me encontrava, e eu pensava: o que será que viu em mim? Era evidente que eu ainda era nada, porém senti-me abraçada e querida. Era como se seu olhar me dissesse: «Quero estar com você. Você tem um valor infinito». A partir daquele olhar, nasceu tudo. Naquele olhar, de fato, descobri que não sou definida pelos meus limites, mas pelo relacionamento pessoal com o qual Deus me faz ser e me constitui como desejo infinito d'Ele.

Naquele olhar o pertencer a Cristo e à Igreja tornou-se a experiência de um laço que me define para sempre e que se manifesta em tudo o que sou e faço. Comecei a entrever um significado para a minha vida.

Foi como se uma luz iluminasse tudo. Comecei a descobrir a verdade da minha vida e, daí, começou uma atração, uma ternura pela minha própria vida e pela vida dos outros. Comecei a viver. Comecei a viver e a trabalhar verdadeiramente porque soube responder concretamente à pergunta: «De quem sou?» Esta pergunta teve como resposta rostos precisos, com nome e sobrenome. Tornei-me livre. Paradoxalmente, tornei-me livre pertencendo, tendo um laço. Quando você é livre, finalmente pode estar diante de toda a realidade sem medo, pode enfrentar tudo porque sabe de quem é. Quem é livre não tem mais pretensão em relação aos outros, porque já tem tudo. Senti-me livre, grande e protagonista da realidade porque Dom Gius me revelou quem sou. Com seu olhar estabeleceu o conteúdo e o método do meu trabalho: comunicar a comoção pela grandeza infinita da existência de cada um e oferecer a mesma companhia ao destino que abraça a minha vida.

Meu trabalho, agora, é deixar que venha à tona, que fique claro o valor do indivíduo, assim, posso oferecer uma amizade pontual à qual todos podem pertencer porque o eu que pertence, quando tem um laço, quando tem um rosto para olhar, quando adquire uma consciência unificante de si e da realidade torna-se protagonista. Se você se torna o senhor da realidade não é porque possui a realidade, mas porque reconhece que depende de um Outro e de um desígnio que não é seu.

Ontem, um de vocês me fez uma pergunta. Para mim, foi como um despertar, e conto porquê. Certa vez, levei meus meninos, que tinham a idade de vocês (cerca de sessenta), para fazer um safari. Não pensem que nós, quando saímos do quarto, encontramos um elefante ou um leão. Nós também saímos à procura deles! Assim, partimos (uma viagem de oito horas) em busca dos leões e dos elefantes e, finalmente, os encontramos. Eu estava muito feliz porque vimos muitos leões, elefantes, girafas, então pensei: «Missão cumprida!» Na volta, uma menina, Michelle, começou a chorar; chorou no ônibus durante toda a viagem de volta. Eu perguntei: «Você está com fome?», «Não», «Alguém morreu?», «Não», «Está doente?», «Não. Estou triste. Estou vendo que vocês estão felizes, mas eu estou triste». Parecia mesmo deprimida. No entanto, eu tinha preparado tudo para que todos ficassem felizes. Ela chorou durante toda a noite, não dormiu. Então, eu me afastei e liguei para Carrón: «Olha, preparei tudo, vimos elefantes, leões, vimos tudo, mas uma menina está chorando». E ele me disse: «Será que você queria preencher o coração da garota com um elefante? Um elefante é grande, mas nem um elefante pode matar a sede do nosso coração». De fato, é por isso que onde trabalho usamos a imagem de Matisse, o Ícaro. Queria que todas as pessoas que chegassem pudessem olhar para o coração vermelho, um ponto pequeno, um pontinho que quase parece nada, porém, como os professores de vocês devem ter explicado, é o ponto que exalta o quadro, representa um ponto dentro do homem; o homem seria nada: eu que pareço nada diante da minha pobreza, o homem diante da sua doença – como a que temos na África, mas vocês também a têm aqui –, diante da nossa mesquinhez, diante do nosso nada. No entanto, aquele ponto, aquele pontinho que parece um sopro, ao qual não prestamos atenção, é indelével, assim como quem nos atrai para dentro d’Ele.

Assim, vi acontecer com os outros o que aconteceu comigo. Por exemplo, havia uma mulher que fugiu dos rebeldes e veio até nós desfigurada física e emocionalmente pela violência que sofreu. Reencontrou a si mesma quando eu lhe disse: «Você não é o horror que te aconteceu. Você tem um valor infinito que vem de Deus, que te faz existir e te ama». Um dia, hospedamos onze jovens da Alemanha com seus três professores. Preparamos um momento de testemunhos e danças. Eu trabalho na lama, nos lugares mais pobres da cidade e, naquela manhã, um professor vestiu uma camisa de linho branca. Eu olhei para ele e disse: «Meu Deus!» Quando chegamos ao local onde as mulheres estavam (depois gostaria de lhes mostrar o vídeo), elas puxaram todos para dançar; era uma dança com tambor, e o professor, esquecendo-se de suas vestes elegantes, deixou-se envolver pela onda de dança e música. Depois, suados, todos saíram e sentaram-se, e as mulheres começaram a dar seus testemunhos, falando de si mesmas. Tínhamos quase terminado quando uma mulher, Tina, outra de minhas pacientes (trabalho com doentes de AIDS e seus filhos), que não devia falar, a um certo ponto, se levantou – uma mulher pequena assim – e, andando diretamente até esse professor elegante, lhe disse: «*Excuse me, Sir, are you free?*» E ele – se via que não tinha entendido – olhou em volta, mas ela insistiu: «O senhor é livre?» E ela, quase como desafiando, afirmou: «Eu, sim, sim». E ela disse: «Olha, meu marido morreu de AIDS há dois meses. Eu também estou doente. Vou morrer logo. Está vendo?

Os medicamentos não estão funcionando», e mostrava as feridas de seu corpo, «mas eu sou livre, eu sou livre!» Parecia estar brincando, mas não podia ser uma brincadeira vendo como ela mostrava suas feridas. E continuou: «Meu filho foi aos Exercícios do Carrón, e Carrón disse a ele que eu sou a morada onde Deus habita. Esta é a minha identidade. Eu sou livre, eu sou livre, eu sou livre, e o senhor, é livre?» Eu participei daqueles Exercícios e eu e o Nacho tentávamos traduzi-los para o inglês. Olhando para ela, eu disse a mim mesma: «Ela chegou antes de mim!» Que raiva... O senhor alemão pode não ter entendido, na verdade não entendeu o que ela disse, mas aquela pergunta era dirigida a mim. Naquela manhã tinha ido à missa, tinha feito silêncio, tinha traduzido aquelas palavras em inglês, mas como é possível que essa pequena mulher, doente, que dorme numa esteira, no chão, come uma vez por dia, como é possível que ela tenha chegado antes de mim? Era justamente essa liberdade, essa identidade onde o Mistério habita que queria para mim naquele momento, porque o Mistério, como diz Carrón, é o que torna o homem, homem. Somos homens, mas mais homens porque é Ele que nos faz. Naquela manhã gostaria de ter sido eu a chegar primeiro.

Onde moro, antes da descoberta do valor de suas vidas, minhas mulheres não tomavam os remédios, diziam: “No fim, a vida é inútil. Porque devemos nos tratar?” Tinham AIDS e deixavam os dias correr. Eu comprava os remédios, e os encontrava em cima da mesa. Mas tendo descoberto o valor de suas vidas, os jovens e os adultos para os quais a vida não tinha sentido agora sabem que sua existência e a de todos tem uma grandeza infinita e estão ligados para sempre a uma companhia que os ajuda a viver à altura dessa dignidade.

O que faço, não é um adendo à minha vocação de *Memores*, mas vem do fato de que eu sou afetivamente realizada. O que dou aos outros é a superabundância do meu relacionamento com Cristo em um lugar preciso. É um florescimento da minha vocação, é a abundância da plenitude do meu pertencer aos *Memores Domini*, a descoberta de uma paternidade em ação dentro das coisas que acontecem no meu dia, na minha vida.

Uma vez, Dom Giusani me disse: «Se o seu relacionamento com Cristo é verdadeiro, se você é verdadeira, seu trabalho brotará até das pedras. Podem prender você em uma cela, mas se você é verdadeira com Ele, até as pedras começarão a cantar». E acrescentou: «Mas se a pessoa não pertence, enche o seu vazio com um fazer, o vazio que nunca conseguiu preencher. Preenche sua afetividade não realizada com um fazer, mas, depois, este homem se torna um conjunto de reações. A atração original decaiu em uma estranheza, em orgulho, em uma pretensão de medir as coisas, mas isso o deixa na confusão e na insegurança. Perde o valor de si e de todas as outras coisas, assim, a sua personalidade entra em crise». Depois, segurou a minha mão e disse: «Sabe, Rose, a novidade do mundo acontece se o homem pertence, porque no pertencer tudo muda. Disso nasce uma sociedade, uma civilização nova».

Eu poderia terminar aqui, porque tudo está aqui, mas quero dizer outra coisa, pequena. Na vida, não basta uma investigação existencial, um medir-se, não basta nem mesmo uma reação instintiva, porque isso não nos faz sair da confusão que caracteriza os nossos dias e não faz emergir o meu rosto, o rosto de vocês. Aquele pontinho do qual falávamos, o coração de Ícaro, é como um grãozinho, é como poeira, pequeno, aquele pontinho vermelho do Ícaro, este nada que eu sou não consegue ser si mesmo sem pertencer. Sem pertencer, nos agarramos aqui e ali ao que acontece, àquilo que conseguimos entender, mas, com o tempo, como diz Carrón, deixa um sabor amargo na boca.

Um dia, estava viajando para Madri para dar testemunho em um Dia de Início de Ano: «Viver intensamente o real». Fui à embaixada italiana, e me deram o visto de entrada. Meus amigos tinham reservado minha passagem: de Uganda a Amsterdã, de Amsterdã ao aeroporto de Malpensa, de Malpensa a Paris, de Paris a Madri. Estava irritadíssima, irritadíssima! Vocês já ficaram irritados? Tudo me incomodava. Não queria estar com ninguém, estava encolhida. De manhã bem cedo fazia frio em Malpensa, eu estava jogando no celular e pensei: «Vou ver se Carrón está acordado». Telefonei. Ele atendeu: «Como vai? ». Eu respondi: «Estou irritadíssima. Tudo me incomoda. Estou confusa». E continuei: «Você nos disse no Dia de Início de Ano: “viver intensamente o real”, mas o que estou vivendo neste momento? ». Ele respondeu: «Olhe a realidade com os olhos de Cristo». E eu: «Disse que estou com raiva. Tudo o que passa na minha frente me incomoda. Não estou olhando a realidade, talvez Ele a esteja olhando, mas eu não». E ele: «De

fato. Os olhos de Cristo que olham a realidade estão olhando também para você». «Diacho! ». Sabem como é quando acendem a luz? Levantei e disse: «Agora acabei de viver intensamente o real», mesmo estando naquela situação, irritada. Não sou eu que olho a realidade com os olhos de Cristo, basta reconhecer que os olhos de Cristo que olha a realidade, estão olhando também para mim. Depois dessa descoberta entrei no avião para Paris como uma princesa. Obrigada.

Banna. Obrigado, Rose! Vocês fazem bem em aplaudir também quando vocês se enquadram, porque cada um de vocês tem um coração grande como o da Rose. Mesmo que às vezes não pareça verdade, mesmo se às vezes pareça doer, para todos é possível viver como ela, com um coração grande como o da Rose. Carrón nos escreveu em sua mensagem: cada um de nós carrega um detector, o coração. É por causa desse coração que a pessoa lê um artigo e vai falar sobre ele com o amigo; está irritado e liga para pedir ajuda; descobre uma coisa e vai perguntar, descobre que é um nada e pergunta: «Há alguém que toma o nada que eu sou?»

Graças à Rose entendemos o que significa usar o coração e não blefar. Se alguém está irritado, diz: «Estou irritado», não tem medo de dizê-lo. Se alguém viu os elefantes e está triste, não tem medo de dizê-lo. Olhem mais uma vez para os olhos de Pedro e João: correm, correm ao sepulcro porque uma mulher lhes disse: «O túmulo está vazio», e eles querem ir ver.

Muitos de vocês nos testemunham o que significa usar o coração. Os amigos do Marche, por exemplo, prepararam uma noite em que cada um trouxe o que mais lhe apaixonava: uma peça de rap, um quadro, uma poesia. Todos passaram a noite ouvindo em silêncio. Há um lugar, e é este, no qual a pessoa pode deixar vir à tona o coração, aquele quase nada, aquele pontinho vermelho do *Ícaro* de Matisse, que é a nossa grandeza. E não há muitos lugares neste mundo onde se pode mostrar o coração sem blefar.

Conhecemos nossas objeções: «Sim, mas dói, por que você diz que o coração é um recurso?»; «porém estou sozinho, abandonado, sou Calimero, sou pequeno e negro». Tudo bem, tudo bem! Mas, não importa a nossa objeção, não podemos apagar nosso coração! Ou preferem viver como amebas? Não podemos apagá-lo, não podemos apagá-lo! Este é o fato mais extraordinário: ele existe, existe! Por mais que tentemos apagá-lo, existe. E existe também um lugar que fez você olhar como Pedro e João, você não pode mais esquecer, existe! Esta lealdade com seu coração, para ver e para descobrir, é a primeira grande coisa que desejo a vocês.

A segunda coisa, o segundo grande voto que faço a vocês para a Páscoa retoma o que a Rose dizia sobre o pertencer. Dissemos isso de muitas maneiras nestes dias: qual é o risco? Que se a pessoa não entende, quando tem medo do coração, foge. Vamos assistir a um vídeo das mulheres de Rose.

[projeção do vídeo das mulheres de Rose]

Busingye. A mulher dizia que, quando os seus a abandonaram, ela pensava que ninguém mais a abraçaria, mas quando chegou, alguém lhe disse: «Bem-vinda. Sinta-se em casa. Você tem um valor infinito». Mas ela não acreditava, e dizia: «Até os meus parentes me abandonaram. Quem são estes que podem me abraçar?». Agora, no entanto, nem parece doente. Quando chegou, recomeçou, como um avião que decola, agora é ela que recebe as pessoas e dá testemunho sobre como era antes. E fala de si mesma, que é maior que a doença, que é maior que o vírus, mais, diz que seu valor expulsou o vírus, o esmagou.

Banna. Pensem que vocês também, assim como essa mulher, podem olhar desse modo para seu professor de matemática e dizer a ele: «Posso ter tirado quatro, mas posso dizer, por causa do que vivi, que você também tem um valor. Não se preocupe, você não se reduz a um pobre professor de matemática, há uma esperança também para você que vem do que eu encontrei». O que nos pode fazer olhar assim para os nossos colegas, os nossos professores e os nossos pais, como essa mulher olhou para o professor alemão?

Busingye. Essas mulheres gostariam que seus filhos, aprendendo matemática, aprendendo história, descobrissem seu valor, e diziam: «Nossos filhos frequentam a escola, mas não descobrem o que nós

descobrimos». Então, um dia me disseram: «Queremos uma escola para os nossos filhos». Respondi: «Olhem, se eu for construir algo, será uma clínica ou um hospital». E elas: «Não, você vai educar um médico, educará também uma enfermeira, queremos uma escola». E eu: «Não, não tenho dinheiro». E elas: «Tudo bem, não se preocupe». Começaram a quebrar pedras e a fazer colares. A AVSI nos ajudou, venderam quarenta e oito mil colares aqui na Itália e construíram a primeira parte da escola. Elas me disseram: «Queremos que os nossos filhos, aprendendo matemática, descubram o seu valor». Eu disse: «Quem vai conseguir?» Mas, aos poucos, vemos que está funcionando. Agora, temos seiscentos jovens com a idade de vocês no segundo grau, e outros quatrocentos e cinquenta no ensino fundamental.

Banna. Há uma esperança para todos! Se alguém leva a sério o próprio coração, descobre pessoas com quem pode construir algo de novo, não porque se torna mais hábil. A pessoa continua doente, pobre, mas se coloca aquele pouco, aquele nada que tem, poderá descobrir que o pouco ou nada que tem, tem um valor infinito. Na verdade, todos nós que estamos aqui, podemos viver a verdadeira escola nova, a verdadeira esperança para a nossa vida e de nossos companheiros, porque, como dizia a Rose antes, quando a pessoa encontra um lugar ao qual pertence, então se torna livre. Também para Pedro e João a vida foi transformada por esse pertencer. Em relação a isso, fiquei impressionado quando reli um episódio dos Atos dos Apóstolos⁷⁰ no qual Pedro e João, depois da ressurreição de Jesus, encontram um pobre aleijado sentado no chão, e olham para ele. O homem espera que lhe deem dinheiro porque olham-no como se quisessem fazer alguma coisa por ele e, no entanto, assim como Rose, dizem: «Somos pobres como você, não podemos lhe dar nada». Da mesma forma, vamos encontrar nossos companheiros e nossos pais e diremos: «Não é que depois de três dias de Tríduo eu sou melhor do que você, sou pobre como você, porém tenho algo a lhe dizer (a mesma coisa que Pedro disse ao pobre coitado): “Vem conosco, em nome de Jesus Cristo, levanta-te e anda, levanta e vem comigo”». ⁷¹ É isso o que vocês podem dizer a todos. Como as mulheres de Rose disseram ao professor alemão, vocês podem dizê-lo aos seus professores e a seus amigos: «Eu sou pior do que você, mas encontrei um lugar que pode te ajudar. Levante e ande». Usando o coração, podemos descobrir um lugar assim, que nos torna livres, livres para ir ao encontro de tudo e de todos, para o qual podemos convidar todos porque há uma riqueza que escancara as portas, arrebenta os sepulcros. É o poder de Cristo Ressuscitado.

Enquanto ouvia a Rose falar do pertencer que liberta, pensava no fato de que cada um de nós deve responder à pergunta: «De quem eu sou?» Quando souberem quem são, não se tornarão melhores, mas quando responderem à pergunta «De quem eu sou?», poderão conquistar o mundo. Na Sicília (minha terra natal) há uma expressão usada quando você está numa discussão acalorada e precisa se afirmar: «Você sabe quem eu sou?», como dizendo: «Você não sabe com quem está falando. É bom me respeitar». Esta é, de algum modo, a postura com a qual normalmente nos tratamos: «Você não sabe quem eu sou!» Fique no seu lugar, você tem dezenove anos, não pode entrar para o Grupo Adulto – diziam a Rose; fique no seu lugar: você tem muitos problemas psicológicos – dizem os adultos; fique no seu lugar: você vai mal na escola; fique no seu lugar: você é feio como o diabo; fique no seu lugar porque você não sabe quem eu sou.

Acho que essa atitude é bastante comum. A Ressurreição dá uma resposta a essa mentalidade: embora seja uma nulidade, cheio de problemas e vá mal na escola, apesar disso, você pode levantar a cabeça e responder: «Você, no entanto, não sabe de Quem eu sou». Essa é a verdadeira novidade. Você acha que já sabe quem eu sou, mas não sabe de Quem eu sou. É este pertencer que dá riqueza, dá esperança, dá vida à

⁷⁰ Cf. At 3,3-8.12.15-16: «[Um homem, aleijado desde o nascimento, quando viu Pedro e João entrarem no templo, o homem pediu uma esmola. Pedro, com João, olhou bem para ele e disse: “Olha para nós!” O homem ficou olhando para eles, esperando receber alguma coisa. Pedro então disse: “Não tenho ouro nem prata, mas o que tenho eu te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda!” E tomando-o pela mão direita, Pedro o levantou. Na mesma hora, os pés e os tornozelos do homem ficaram firmes, ele saltou, ficou de pé e começou a andar. E entrou no templo junto com Pedro e João, andando, saltando e louvando a Deus. [...] Vendo isso, Pedro dirigiu-se ao povo: “Homens de Israel, por que estais admirando o que aconteceu? Por que ficais olhando para nós, como se tivéssemos feito este homem andar com nosso próprio poder ou piedade? [...] Aquele que conduz à vida, vós o matastes, mas Deus o ressuscitou dos mortos, e disto nós somos testemunhas. Graças à fé no nome de Jesus, este Nome acaba de fortalecer este homem que vedes e reconheceis. A fé que vem por meio de Jesus lhe deu perfeita saúde, à vista de todos vós.”]; cf. *Livrinho*, pp. 89-90.

⁷¹ Cf. *Livrinho*, pp. 89-90.

vida. Por isso, não me deixo dominar por você, mesmo que me chantageie com uma nota, mesmo que me chantageie com um beijo, mesmo que me chantageie com uma amizade, ainda assim, eu o desafio: «Você não sabe de Quem eu sou; venha comigo porque talvez você também precise de um pouco dessa liberdade».

Nossa vida continua e vocês sabem qual é a sua «desgraça»? Que continua. Vocês acham que termina aqui, mas estamos aqui há dois mil anos para não dar trégua ao coração de vocês. Nós continuamos existindo, e lhes dizendo: «Querem ser um dos nossos? Venham e vejam. Usem o coração e vejam se isso os torna mais livres».⁷² O desafio continua, e nós vamos continuar a não lhes dar trégua. Desde o dia em que ressuscitou, Cristo continua a fazê-lo. Por isso nos despedimos cantando *Cristo risusciti*.⁷³ É esta a vida que se manifestou, uma liberdade que deve ser levada a todo o mundo.

Cristo risusciti

Temos de voltar para casa. O coral nos preparou um presente. Esta manhã prepararam o *Regina Coeli*,⁷⁴ que a Igreja canta durante todo o período da Páscoa. A potência que expressa é a de quem vem para derrubar os muros nos quais nos isolamos e nos estende uma mão, como a Rose dizia.

Regina Coeli

Feliz Páscoa a vocês e às suas famílias, e bom retorno!

(© 2018 Fraternidade de Comunhão e Libertação)

⁷² Cf. Jo 1,39.

⁷³ G. Stefani; Anônimo, “Cristo risusciti”, in *Livrinho*, p. 91.

⁷⁴ “Regina Coeli”. In: *Cantos*, op. cit., p. 48-49.